

A VIOLÊNCIA

MÁRIO OLÍMPIO Gomes dos Santos, Ten Cel PM

"Todo homem tem o direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal".

(Art. III da "Declaração Universal dos Direitos do Homem".)

I — INTRODUÇÃO

A violência não é um fenômeno de nossos dias, como registra a história dos povos, mas é inegável que na segunda metade deste século, mais precisamente após a década de setenta, assistimos a uma escalada de seus índices a tal ponto de se criar uma neurose coletiva de medo nas populações de todos os países, especialmente nos grandes centros, clamando por segurança de pessoas e de bens.

A partir de então, muito já se escreveu e se debateu sobre as causas da violência e não menos foram as soluções propostas para combatê-las.

Não pretendemos neste trabalho repetir aquilo que tantos outros já fizeram, especialmente buscando as causas reais desse atual estágio de ocorrência de violências no mundo e no nosso país.

Procuraremos aproveitar esses registros segundo a nossa ótica de policial-militar e mostrar finalmente seus reflexos na população, concluindo com as medidas que a nossa Corporação vem adotando para fazer face a esse estado de coisas, proporcionando à população mineira, se não total segurança, pelo menos aquela tranquilidade relativa de que ela necessita, colocando nosso Estado em posição de destaque em relação aos demais, embora a custo de grandes sacrifícios de nossos valorosos e abnegados policiais-militares, com a grande capacidade do Comando de oferecer soluções para problemas de Manutenção da Ordem Pública.

II — ANÁLISE HISTÓRICA DA VIOLENCIA NO BRASIL

Para compreender o fenômeno da violência no Brasil, como se apresenta hoje, é indispensável que comecemos por uma pequena análise histórica, que nos leve a identificar as causas e as conseqüências das profundas mudanças econômicas, sociais e políticas que ocorreram neste país, ao longo dos últimos cinquenta anos.

A Revolução de 1930, instaurando uma crise no sistema oligárquico de poder, é o ponto de partida de uma nova fase na História Brasileira. A desagregação da economia cafeeira ligada à exportação permitiu, então, a emergência política das classes médias urbanas e dos setores relacionados com a industrialização.

Pode-se afirmar, com segurança, que o setor que mais se beneficiou com a Revolução de 1930 foi o industrial, que a partir daí assumiu crescente importância econômica e política, embora os grupos ligados ao velho sistema de propriedade de terra continuassem sendo uma das bases fundamentais da estrutura de poder.

A expansão industrial e a crise da agricultura tradicional associaram-se para, juntamente com outros fatores, acelerar ainda mais os fluxos migratórios em direção às grandes cidades brasileiras e, especialmente, do Centro-Sul.

Assim, o processo de urbanização no Brasil ganhou nova intensidade, depois de 1930, enquanto a população global continuava a crescer rapidamente.

Assim, enquanto no início deste século (1900) o território nacional abrigava 17 milhões de habitantes, em 1950 já éramos 51 milhões de brasileiros; em 1960, atingíamos a casa dos 70 milhões; em 1970, um salto para 93 milhões, devendo chegar a 200 milhões por volta do ano 2.000.

Simultaneamente, desenvolvia-se o intenso processo de urbanização. Um estudo recente demonstra, por exemplo, que entre 1950 e 1960 quase sete milhões de pessoas deixaram o meio rural, em direção às cidades.

Nas últimas décadas, o esvaziamento do meio rural, em relação às cidades, prosseguiu de modo ainda mais expressivo: em 1970, 44 por cento dos brasileiros viviam no meio rural; em 1975, apenas cinco anos depois, esta porcentagem já caíra para 40 por cento, e este ano estamos chegando ao mais baixo índice, com apenas 36 por cento dos brasileiros vivendo no campo.

Tudo indica que esta tendência irá se manter, nos próximos anos, acompanhando o ritmo do desenvolvimento econômico do País, já que se trata de um fenômeno mais ou menos universal e que só pode ser im-

pedido por uma política coerente e continuada de estímulo à fixação dos trabalhadores e produtores rurais em sua região de origem.

Quais as conseqüências diretas, no campo social, deste fenômeno da urbanização? Que importância tem o seu estudo para a compreensão do problema da violência e da criminalidade?

Procuramos, a seguir, esboçar algumas respostas para estas questões, postas hoje como desafio inadiável ao conjunto da sociedade brasileira.

Em primeiro lugar, o ingresso do migrante rural na vida urbana constitui sempre um trauma, que se manifesta na rápida dissolução dos laços culturais com a sua região de origem, na perda de valores que eram operacionais apenas na comunidade tradicional, no rompimento com os vínculos sociais e políticos do passado.

É bem verdade que as massas de migrantes rurais, conquistando a grande cidade através dos novos empregos gerados pelo desenvolvimento industrial, dão um passo importante para a conquista da nova cidadania.

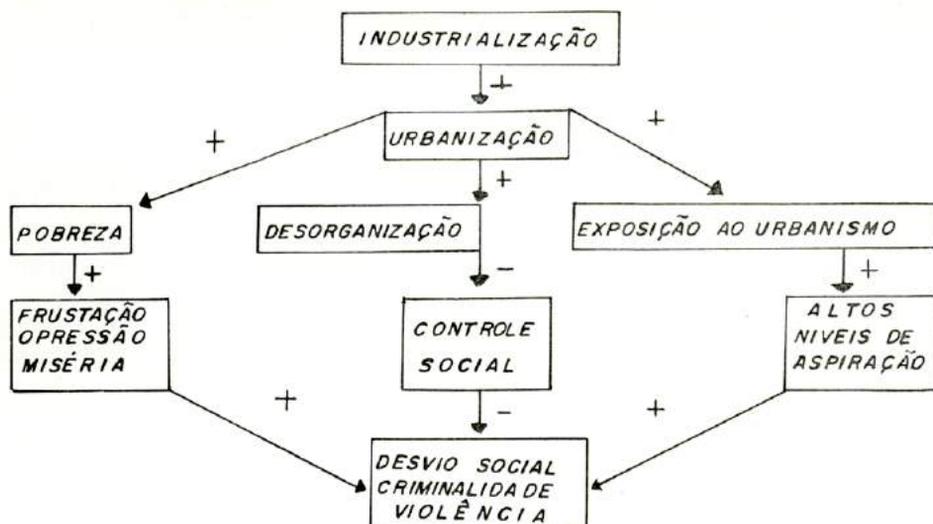
Mas, neste mesmo passo, perdem também grande parcela de sua própria identidade, vêem abalada de forma radical a sua visão do mundo e nem sempre conseguem se ajustar mais tarde aos hábitos e aos costumes da cidade.

Além do mais, o rompimento com o passado não abre, necessariamente, uma via ampla para o futuro, pois há obstáculos imensos a superar, na caminhada do migrante rumo à ascensão social e econômica. Tais obstáculos são conhecidos de todos nós, mas não nos custa lembrá-los, para clareza da exposição.

É notório o fato de que as grandes cidades brasileiras não puderam acompanhar o crescimento da demanda de bens e equipamentos coletivos. Por escassez de recursos, por insuficiência administrativa, pela velocidade incontrolável da urbanização e até mesmo pela perda do seu poder político, as grandes cidades têm crescido de forma desordenada, quase caótica.

Existe um sólido consenso — tanto a nível dos cientistas sociais quanto das organizações de controle e da opinião pública em geral, em torno da associação entre processos rápidos de industrialização e urbanização e o incremento nas taxas de criminalidade e violência. A lógica do argumento é bastante forte: processos rápidos de urbanização provocam fortes movimentos migratórios, concentrando amplas massas isoladas (ou seja, carentes dos controles sociais espontâneos próprios da família, da comunidade ou da religião) nas periferias dos grandes centros urbanos, sob condições de extrema pobreza e desorganização social e expostas a novos comportamentos e aspirações mais elevadas, inconsistentes com as alternativas institucionais de satisfação disponíveis.

O gráfico abaixo representa o modelo exposto:



FONTE. FJP

Deste modo, a violência e a criminalidade encontrariam nas grandes cidades, expostas às rápidas mudanças sociais, o ambiente propício para sua expansão. Variáveis estruturais como o tamanho, a diferenciação, a afluência e a contração da renda e variáveis sócio-psicológicas como o isolamento, a impessoalidade e a formação de subculturas periféricas, avaliando positivamente a criminalidade, acionadas, produziriam os fatores centrais do problema — as “classes perigosas”, ou os grupos sociais que experimentam mais direta e fortemente a dissociação entre “aspirações culturalmente prescritas” e “avenidas socialmente estruturais” para a realização das aspirações. Estudos históricos de cidades como Paris, Londres ou Nova Iorque confirmam a hipótese da existência de uma classe criminosa na base da sociedade, mesclada social e ecologicamente com as “classes trabalhadoras” e recalcitrante em relação aos órgãos de controle social.

As favelas que se acumulam na periferia das Capitais e das demais cidades de maior porte são apenas um símbolo — o mais expressivo talvez — da crise urbana que o País está vivendo. Deficiências de redes de água e esgotos, energia elétrica, transportes públicos, escolas, unidades de saúde e segurança são hoje uma constante em todas as regiões brasileiras.

Os migrantes recentes ou antigos não são os únicos moradores dessa periferia carente de serviços públicos mínimos, mas estão inevitavelmente presentes, na medida em que foram os últimos a chegar e já encontraram saturado o mercado de trabalho, congestionado os bairros melhores, inflacionado o preço da moradia e em crise permanente o Poder Municipal.

As favelas são locais criminógenos por excelência, e se os pais ainda conseguem resistir à corrosão do meio ambiente seus filhos resistem por pouco tempo.

Esses homens e mulheres, que deixaram uma vida orientada em moldes tradicionais, sofrem uma profunda agressão ao seu equilíbrio psíquico, acentuada pela aquisição de novas e nem sempre realizáveis aspirações. É o que se chegou a apelar de "revolução das aspirações", promovida em larga escala com o auxílio dos meios de comunicação de massa.

Recordando TORQUATO DI TELLA: "quando se abrem as válvulas de uma sociedade tradicional, ninguém pode prever quanta pressão buscará saída". De certa forma, foi o que começou a ocorrer no Brasil, em 1930, após a repentina ruptura com as estruturas econômicas, sociais e políticas tradicionais. E é também o que vem ocorrendo, com intensidade sempre maior, nos dias de hoje.

A televisão, o rádio, o cinema e mesmo os jornais difundem modelos e aspirações que o desenvolvimento econômico e a deficiente distribuição da renda nacional não conseguem atender. E o sentimento de frustração dos que se encontram à margem do progresso, embora convivendo cotidianamente com ele, produz inevitavelmente o fenômeno que tantos estudiosos têm chamado de "neurose urbana".

Aliás, não é apenas o desequilíbrio econômico a causa da neurotização dos habitantes da cidade. Muitos fatores se associam para formar o processo de desagregação psíquica, como as diversas formas de poluição que, sendo agressões à natureza, constituem uma violência praticada contra a própria vida humana.

Sem valores éticos e culturais estruturados, sem acesso ao mercado de trabalho regular, sem o mínimo de conforto para viver e violentado em sua saúde física e psíquica pelas agressões praticadas contra o ambiente em que ele vive, só resta a esse homem o caminho da violência e, mais tarde, da criminalidade.

III — O QUE É A VIOLÊNCIA

Inicialmente devemos distinguir a violência da energia, instinto que integra a própria natureza do homem e que é indispensável à sua segurança, bem-estar e auto-realização.

A violência seria, então, a energia desviada, redobrada, posta a serviço de uma busca ilegítima de poder sobre o outro ou sobre a própria sociedade.

Podemos qualificar como violento qualquer ato que implique na utilização ilegal ou abusiva da força, provocando sofrimento físico ou moral da vítima, destruição do patrimônio individual ou social e uma reação de indignação da sociedade.

A violência é uma energia que atinge um paroxismo ante um obstáculo irracional.

O homem é violento por duas razões básicas: fome, sede, auto-defesa (causas orgânicas) ou por frustração grave (causa emocional). A segunda é a mais destrutiva delas e cada dia se torna mais grave e pior, principalmente nos grandes centros urbanos. O indivíduo extravasa seu despojamento interior através de agressividade: ciúme, inveja, ódio, vingança.

A violência, originada na frustração, é quase sempre alicerçada em problemas familiares e pessoais.

Alguns cientistas sociais não vêem a energia do homem como instinto inato, mas sim como reação aprendida socialmente. De qualquer maneira, a violência seria então uma exacerbação da energia acumulada ou agressividade; provocada por um acirramento dos conflitos sociais, pela degradação do meio ambiente e pelos desequilíbrios econômicos.

O insigne Coronel e Professor SAUL ALVES MARTINS definiu a violência como "ação humana que se desvia da pauta do comportamento social, moral, legal e culturalmente aceita".

IV — ALGUMAS CAUSAS DA VIOLENCIA ATUAL

A violência e a criminalidade são objetos difíceis de serem estudados pois não podem ser abordados sob um enfoque metodológico simples. A sua ocorrência envolve muito mais do que simples esquema linear de causas — conseqüências. Na realidade, a violência como atualmente se apresenta tem uma determinada gama de fatores causais, de certa forma quantificáveis. Identificar isoladamente o conjunto das causas não é tarefa impossível. Entretanto o trabalho começa a se avolumar a partir do momento em que entram em consideração os fatores intervenientes — circunstâncias ou fatos que relacionando-se e influenciando sobre as causas abrem um leque grande de possibilidades gerando então uma situação muito complexa, na qual os efeitos são os mais variados, intensos e imprevisíveis.

O conhecimento das causas e de muitos fatores intervenientes no processo da violência faz com que os estudos realizados na área sejam profundamente complexos, especializados e coordenados, não cabendo a uma só disciplina ou área do conhecimento humano realizá-los isoladamente.

Toda e qualquer abordagem do problema da violência terá que ser feita, hoje, a partir de um enfoque interdisciplinar que permita conhecer o mais possível dos fatores que a produzem e que proporcione uma apropriação mais real dos elementos que a constituem.

Este embasamento factual, obtido de forma científica, não é disponível hoje no Brasil. Entretanto, a violência não é um problema exclusivo do Brasil. Praticamente todo mundo se debate numa grave crise de insta-

bilidade, tensões, contestações e confrontação que tem sua expressão através dos atos anti-sociais praticados em escala nunca anteriormente conhecida.

Partindo dos estudos feitos por uma comissão de alto nível do Governo Francês, naquele país, e das conclusões a que chegaram os juristas e os cientistas sociais, no Brasil, embora estes tenham apresentado alguns pontos divergentes entre si, vejamos algumas das causas gerais da violência atual em nosso país:

— *Falta de controle sobre o crescimento populacional*

O aumento constante da população satura os sistemas econômicos estimulando a concorrência entre os indivíduos, fazendo com que estes tenham preocupações constantes em conquistar e manter sua posição. A constante ameaça à estabilidade sócio-econômica é geradora de profundas tensões.

— *Facilidade da população em se armar*

A facilidade que o indivíduo encontra ao pretender adquirir uma arma, seja pelas poucas exigências legais, em qualquer estabelecimento comercial, seja pela opção de compra através do contrabando e comércio ilegal, abundantes e sem uma repressão eficiente, tem feito com que o número de pessoas que passou a andar armado ilegalmente crescesse, aumentando o índice de crimes e realimentando os marginais que encontram nessas pessoas presas fáceis para roubarem especialmente revólveres e pistolas.

— *Crescimento econômico sem preocupação social*

O poderio econômico centralizado em grandes corporações, administrado com finalidade excessivamente lucrativa perde a sua função social, tornando-se explorador da maioria da sociedade em benefício de poucos. O proveito dos bens produzidos pela sociedade não é a ela repassado, o esforço dispendido não é recompensado à altura, surgindo assim uma insatisfação.

— *Má distribuição espacial da população*

Decorrente de fatores de ordem econômica, provoca excessiva concentração da população nos centros urbanos, gerando um acréscimo desmedido na demanda de bens e serviços e oportunidades. A incapacidade de absorver o contingente disponível e de proporcionar a infra-estrutura necessária, deteriora as condições de vida, gerando a promiscuidade e o relaxamento dos padrões sociais.

— *Mobilidade geográfica da população*

O êxodo, geralmente rural, desloca pessoas adaptadas à vida em pequenas comunidades para os grandes centros urbanos, em busca de melhores oportunidades. A vivência urbana rompe com a estabilidade emocional e sócio-cultural dos migrantes, lançando-os à margem da vida urbana.

— *Concentração geográfica das atividades industriais*

Imposições de ordem econômica levam à concentração de grandes aglomerados industriais próximos às fontes de matérias-primas e de outros elementos indispensáveis de infra-estrutura industrial, impondo desta forma a concentração populacional em torno dos mesmos. Os problemas normais, já vistos, dessa concentração são agravados por aqueles originados da atividade industrial (poluição, ausência de alternativas ocupacionais, doenças profissionais).

— *Atratividade dos setores secundários e terciários*

A rentabilidade e estabilidade das atividades industriais e de prestação de serviços deslocam toda a gama de recursos disponíveis para estes dois setores, esvaziando o setor primário e provocando uma crise no mercado de matérias-primas e alimentos. A lei da oferta e da procura faz então elevar os níveis de custo de vida, o que vem a comprometer toda a estabilidade do sistema econômico e se reflete na estabilidade sócio-política.

— *A falta de uma política de proteção ambiental*

A proteção global do ambiente e da qualidade de vida é tão importante para o bem estar do homem e da sociedade que já é contemplada hoje nas constituições de diversos países, entre os quais Portugal e Espanha.

Ante a evidência das relações entre a ecologia e a criminalidade, urge que seja elaborada uma nova conceituação jurídica e até mesmo constitucional da defesa e preservação do meio ambiente.

O primeiro passo será considerar como grave crime qualquer agressão à natureza, à partir do princípio de que esta é a forma mais radical e danosa de violência que se pode praticar contra o próprio ser humano, além de dar origem a outras formas de criminalidade.

“A proteção do ambiente e da qualidade de vida é, ao mesmo tempo, um direito e um dever de todos os cidadãos, mas também só será efetivamente assegurada na medida em que resultar de uma ampla solidariedade” (Oscar Alzaga).

— *Falhas no processo educacional*

A educação da população é fator essencial para o seu progresso. Uma educação adequada à realidade do País prepara os indivíduos para uma vida útil, criando condições para que os mesmos se integrem ao processo produtivo gerando riquezas que possam ser desfrutadas pela comunidade. Uma educação inadequada prejudica não só o processo econômico como toda a vida em sociedade.

— *Influência negativa dos meios de comunicação*

Os meios de comunicação de massa tem hoje amplitude universal. Seu largo alcance integra toda a comunidade, nivelando a todos pela informação. Entretanto sua exploração marcadamente comercial desvia-o do papel cultural que poderia desempenhar. A busca de audiência leva à difusão de mensagens nem sempre úteis, criando apelo ao consumo, este ao alcance efetivo de muito poucos. Necessidades são criadas, geralmente de consumo de coisas não essenciais, lançando a sociedade numa corrida louca em busca do supérfluo. Nesta corrida tudo é válido, e aí temos a violência a partir da própria mensagem.

— *Insegurança no seio da comunidade*

O conhecimento de fatos violentos ocorridos, às vezes longe do indivíduo, faz com que o mesmo se sinta fisicamente inseguro. A ameaça ao seu papel social, por força da concorrência selvagem da sociedade moderna, principalmente a urbana, torna-o psicologicamente inseguro. Este complexo de insegurança torna mais aguda a percepção de ameaças, fazendo com que o indivíduo ao menor estímulo, reaja violentamente.

— *Insatisfação pelo não atendimento das necessidades individuais*

As dificuldades de ordem principalmente econômica não solucionadas pelo Estado têm reflexo direto sobre a vida dos cidadãos. Estes trabalham e não têm o necessário. Às vezes querem trabalhar e não têm oportunidade. Tudo isto cria um clima de insatisfação tal que freqüentemente deságua na violência.

— *Substituição do diálogo pela contestação*

A melhor forma de solucionar os problemas da sociedade é pelo diálogo entre os seus diversos segmentos. Entretanto a comunicação está se tornando muito unidirecional. É difícil ao cidadão levar sua mensagem a quem quer que seja, principalmente aos escalões superiores da estrutura do Estado.

Os canais desta comunicação estão como que obstruídos por causas diversas. Na impossibilidade de dialogar surge a contestação. Não há compreensão possível. Esta é inclusive, um círculo vicioso, cuja ruptura se dá muito freqüentemente pela confrontação que é a violência.

— *Afrouxamento dos vínculos e padrões sociais*

Num clima generalizado de insatisfação e de contestação não há que se prestar contas de nada a ninguém. Surge o desrespeito de homem para homem e deste para com a estrutura social que não consegue satisfazê-lo. A reciprocidade deste comportamento relaxa ou desfaz os padrões de comportamento social, e anula o pacto social, comprometendo então o cerne da sociedade.

— *Enfraquecimento das instituições sociais*

A família, a educação, a religião, o trabalho, o Estado, todas as instituições, enfim, são vítimas da crise de violência. Seu papel perde importância porque tudo parece oprimir, ameaçar o indivíduo levando a uma quase histeria. O clima de insatisfação geral enfraquece estas instituições e agrava ainda mais a crise.

— *Apreciação final sobre as causas da violência*

A relação apresentada é bastante genérica, mas acreditamos que abrange a quase totalidade daqueles fatores causais e boa parte dos intervenientes, inclusive o interrelacionamento delas mesmas.

Fora da relação enumerada cumpriria finalmente destacar que fatores naturais contribuem também para a violência.

O meio físico, as características biológicas, genéticas ou adquiridas, e problemas de ordem psicológicas emprestam cores carregadas ao já pouco agradável quadro da violência.

V — A VIOLÊNCIA E SEUS REFLEXOS NA POPULAÇÃO

1. O SENTIMENTO DE INSEGURANÇA

a. *O Ressurgimento do Sentimento de Insegurança*

1) O Caráter Cíclico da Insegurança

Diante da violência a sociedade se inquieta. O sentimento de insegurança, que marca bem as épocas e que parecia anacrônico cíclico, renasce. O ressurgimento desta velha figura é um fenômeno cíclico. As comunidades são periodicamente submetidas a manifestações anti-sociais que geram nos seus habitantes a inquietação e a angústia.

2) O Ressurgimento Recente do Sentimento de Insegurança

Periodicamente a angústia coletiva volta a se manifestar. Atualmente a grande maioria da população, sente com agudeza o aumento da violência.

b. *Os Fundamentos do Sentimento de Insegurança*

1) Experiência Pessoal

A violência é sentida como distante e indireta. Embora não a tenham sofrido pessoalmente, as pessoas têm conhecimento dela através dos meios de comunicação, de vizinhos, parentes ou amigos.

2) Meios de Comunicação

O lugar reservado a violência pelo conjunto dos meios de comunicação de massa contribui com uma parcela significativa na alimentação do sentimento de insegurança.

Porém, através da imprensa, do rádio e da televisão, nota-se uma tomada de consciência útil dos problemas gerados pela violência em nossa sociedade.

c. Os Componentes do Sentimento de Insegurança

1) O Medo

Acreditamos sempre que a violência provém dos outros, embora ela exista em cada um de nós.

2) Angústia Coletiva

Envolvendo o medo, a emoção e a exasperação, uma angústia geral se desenvolve.

O crescimento da violência é um fenômeno profundamente ligado aos males da nossa sociedade.

d. As Manifestações do Sentimento de Insegurança

1) Inibição

O sentimento de insegurança pode gerar a apatia e a inércia. Ela acentua a vulnerabilidade e a desordem (principalmente entre idosos, deficientes, mulheres sozinhas, etc).

2) Apelo aos Poderes Públicos

O desejo de uma intervenção decidida dos Poderes Públicos para coibir a violência emana de toda a população, que espera seja essa medida uma prioridade da ação governamental, juntamente com o controle do custo de vida e a reabsorção do desemprego.

3) As Reações Individuais

As reações individuais de defesa são mais frequentes. Certas pessoas chegam a uma tensão tal que a violência nelas se torna um fato inevitável.

4) A Organização de Sistemas de Proteção Coletiva

A organização coletiva de proteção contra a violência testemunha a gravidade do sentimento de insegurança.

O sentimento de insegurança se alimenta menos de fatos concretos, repousando mais sobre uma imagem subjetiva da criminalidade.

É preciso se livrar desta primeira impressão para perceber, tanto quanto possível, a realidade dos fatos criminosos.

2. UMA AVALIAÇÃO OBJETIVA DA CRIMINALIDADE

a. *Evolução da Criminalidade*

As tendências podem ser distribuídas por épocas. Mas tudo leva a crer que a violência criminal, em épocas passadas, durante determinados períodos, exerceu, mais larga e mais profundamente, seu domínio sobre a sociedade.

1) Evolução em Longo Período

Os atos de violência têm em longo período uma evolução diferenciada.

Simétrica à espiral da violência, se desenvolve a espiral da insegurança.

Do ponto de vista qualificativo, a violência contra a pessoa decresce em longo período; a violência contra o patrimônio aumenta.

2) Evolução em Curto Período

Em curto período, a evolução é ainda mais diferenciada. A criminalidade média cresce de forma moderada. A delinquência evolui de forma bem mais lenta.

A criminalidade evolui de forma muito semelhante na quase totalidade dos países industrializados. Nestes, a violência geralmente tem um desenvolvimento particularmente rápido.

b. *Os Tipos Criminosos*

Não existe criminoso típico. A criminalidade é heterogênea. Os tipos de criminosos são variados. Mas as estatísticas permitem identificar algumas características:

1) Características Pessoais

a) A criminalidade é um fenômeno principalmente masculino. A participação das mulheres no conjunto da população criminal tem diminuído, nestes últimos anos.

b) A natureza das infrações varia de acordo com o sexo.

c) A idade é outra variável importante. A taxa de criminalidade é mais elevada entre os indivíduos de idade compreendida entre 16 a 30

anos. A faixa etária de 18 a 25 anos é a que tem mais forte propensão para a delinqüência. Entretanto, há alguns anos se percebe um rejuvenescimento dos criminosos.

d) Nem o crescimento demográfico global nem o da faixa etária mais envolvida com a delinqüência (16 a 30 anos) são bastantes para explicar o crescimento da criminalidade constatada nestes últimos anos.

e) A violência juvenil é antes de tudo um fenômeno grupal.

2) As Características Sócio-Culturais

a) O grupo dos lavradores tem a mais fraca taxa de condenações.

b) O grupo de nível superior, profissionais liberais, e funcionários representa as taxas intermediárias de condenação e uma estrutura semelhante de infrações.

c) Os operários, serventes, empregados na agricultura, por um lado e os industriais e comerciantes, do outro, se destacam por suas elevadas taxas de condenações, mas se diferenciam pela estrutura das infrações praticadas. Os primeiros se caracterizam sobretudo por uma delinqüência violenta e bastante inteligente.

d) A criminalidade, nas suas formas mais graves, atinge principalmente as grandes aglomerações urbanas.

3. OS COMPORTAMENTOS DE AGRESSÃO E DE FUGA

a. *Os Comportamentos de Agressão*

1) A difusão da violência na vida cotidiana é particularmente perceptível nas grandes cidades.

2) Com o aumento do porte das cidades, aumentam também os comportamentos violentos contra as pessoas mais próximas. Contida em si mesma, a violência se volta para as circunvizinhanças.

3) A agressividade se exprime ainda pela destruição dos equipamentos coletivos da comunidade (transportes coletivos, cabines telefônicas, saque de estabelecimentos escolares).

4) A violência parece contaminar, um a um, todos os setores da vida em coletividade. Não é apenas o esporte, extravasor de uma agressividade dirigida e civilizada, que se torna por vezes palco da violência de atletas e expectadores. A escultura, a pintura, a música, a dança, tornam-se também formas de liberação de uma agressividade latente. O cinema é testemunha do lugar que a violência ocupa no mundo contemporâneo. Alguns procuram até desenvolver e explorar o gosto do público pela violência.

b. *Na Vida Econômica*

1) **A Delinqüência Inteligente:** — Fundada no logro, a delinqüência inteligente proporciona aos seus autores ganhos de fontes fraudulentas. Renovando-se constantemente, ela tende a se desenvolver a um ritmo rápido. Muito diversificada quanto aos objetivos, estas apropriações, pela astúcia, resultam quase sempre de abuso de confiança e de fraudes de toda natureza (uso fraudulento de títulos de pagamentos, estelionato). É caracterizada pela engenhosidade e diversidade de suas formas: infrações da legislação sobre preços, fraudes alimentares e publicitárias, falências dolosas, abuso de bens sociais e infrações das leis sobre sociedades.

2) **Fraude Fiscal:** — As operações fictícias sobre bens materiais expandem (venda de diplomas e títulos falsos, cursos fictícios).

3) **Pressões Econômicas:** — A pressão exercida sobre outras pessoas é para quem a recebe, também, uma forma de violência (ligações entre varejistas e grossistas, produtores e intermediários). Não se pode duvidar de sua realidade como fator que gera a violência como uma reação direta.

c. *Na Vida Social*

Seqüestros, ocupação de locais de trabalho, meios perigosos de auto baixas e altas levam freqüentemente a violência. A violência é o meio de defesa, vandalismo, alarmes falsos de bombas, relações tensas entre camadas chamar a atenção para impor exigência de ordem social, cultural, moral ou religiosa.

d. *Os Comportamentos de Fuga ou de Regressão*

1) O Suicídio

A morte por suicídio que atingia outrora a segunda metade da vida afeta atualmente os jovens e aparece entre eles como a segunda causa de óbitos (depois dos acidentes). As tentativas de suicídios assumem cada vez mais a forma de suicídio existencial, que reclama da família ou da sociedade uma resposta.

2) O Álcool

Nota-se uma progressão de alcoolismo entre os jovens, o que se constitui talvez num substituto à toxicomania, e que cada vez mais e freqüentemente a esta conduz ou acompanha. A vinculação entre o álcool e o crime é inquestionavelmente alarmante. No Brasil, a criminalidade violenta do trânsito atesta um percentual igual ou superior a 40 por cento, os crimes de homicídio aumentam consideravelmente aos sábados, quando a ingestão do álcool é mais elevada. Neste dia, os acidentes no tráfego chegam à impressionante cifra de 70 por cento, em razão da bebida alcoólica.

4. A VIOLÊNCIA COMO ECO DA SITUAÇÃO

a. *Saturação Coletiva*

1) A Herança do Passado

O fenômeno da violência não é um modernismo atual e nosso apenas. A história de quase todos os países é marcada pela violência.

2) O Peso do Presente: Violência e Informações

O papel particular da televisão é sublinhado pelos próprios espectadores, os quais consideram que a violência nas telas leva à violência nas ruas. Embora presumíveis, não se conhecem os efeitos que os meios de comunicação de massa exercem na trilha obscura da violência. A mensagem da violência não existe sem um receptor que a decodifique de acordo com a sua estrutura pessoal.

b. *A Saturação Individual*

1) Os Dados Psicológicos

Os especialistas atribuem uma importância considerável às condições de desenvolvimento da infância.

2) Os Dados Biológicos

Nos mamíferos mais evoluídos encontra-se uma estrutura cada vez menos rígida de ligações entre as informações captadas pelos sentidos e as respostas do comportamento. É no homem que se encontra a maior disponibilidade em presença do ambiente, durante um período de solicitação particularmente longo. Não é a nossa bagagem genética que é fonte de agressividade ou de altruísmo.

3) Os Desvios de Fuga: Alcool e Droga

Observa-se, a partir de alguns anos, um aumento do alcoolismo e do consumo de drogas, notadamente entre os jovens. Muito se discute na área relacionada com o reconhecimento de ser ou não a droga fator de agente criminológico. No entanto, estudiosos como ISRAEL DRAPKIN, MAYORCA, SABATER, PELEGRINI, ROGÉRIO, CARRATALA, ELLIOT, GONZALES CARRETERO e outros aludem à ação destrutiva dos tóxicos sobre o caráter dos seus adeptos, que normalmente se manifesta pela tendência à mentira, à dissimulação, à preguiça, em sua covardia diante das responsabilidades da vida, anomalias que levam o toxicômano, à medida que vai degradando, a costumes e atos desonestos para, em última instância, atingir a esfera do delito.

5. A VIOLÊNCIA COMO RESPOSTA AS FRUSTRAÇÕES

a. *Os Riscos do Crescimento*

1) Violência e Crescimento

Cientificamente é difícil estabelecer uma correlação entre os fenômenos da violência e os de crescimento urbano, embora se note um incremento das taxas de criminalidade e violência em locais de industrialização e urbanização, rápidas.

2) Violência e Trabalho

Existe uma ligação entre a delinqüência e a mobilidade geográfica (migração); uma população transplantada (migrante), imersa em um meio diferente do seu, é muito mais propensa à violência.

3) Os Marginais do Crescimento

O trabalhador imigrante acumula quase toda ou a maior parte das deficiências dispersas sobre a população. É quase surpreendente que a violência possa estar contida nos seus limites atuais.

4) A Família em Questão

Dois perigos ameaçam a família: a solidão e o silêncio.

Os jovens estão cada vez mais separados da família: a escola, o esporte, as repúblicas, as organizações de lazer. A solidão é agravada pela dependência da televisão. Não há diálogo entre pais e filhos.

5) A Violência e os Jovens

A maior parte dos autores de assaltos e roubos a mão armada têm menos de 30 anos.

b. *A Sociedade de Consumo*

1) A Organização da Tentação

A exaltação do ato de consumir: — O consumo é utilizado como veículo de valorização. Possuir determinado objeto é uma forma de identificar com um personagem ou uma situação considerada lisonjeira. Estes arquiótipos são veiculados por todos os meios de informação: cinema, televisão, rádio e publicidade. O cliente perde toda identidade, a compra não é mais a ocasião de uma troca social, o sentimento de propriedade se dilui: o autor de pequenos furtos passa a se completar.

2) A Violência Concebida em Termos de Cálculos Econômicos

O Confronto: Risco — Vantagem

O desequilíbrio entre o desejo de possuir indevidamente bens oferecidos através de meios arriscados e a diluição dos elementos de contenção individual e social (os objetos cobiçados estão em todos os lugares, as ocasiões são mais freqüentes, as motivações dissuasivas estão diluídas, o medo de represálias, por si mesmo, está afastado) são um fato essencial da delinqüência.

3) A Violência e a Dialética da Igualdade

Redução do nível de tolerância às desigualdades: — Quanto mais determinadas desigualdades desaparecem mais aquelas que subsistem parecem insuportáveis. A necessidade de igualdade que vai crescendo se estende a novas formas: cultura, lazer, ecologia. Assiste-se a um aumento imperioso, exigente, do sentimento de igualdade. O fortalecimento do vínculo entre a violência e desigualdade: — Certo ou errado o fato é que a violência pode ser considerada como uma forma de reduzir as desigualdades.

c. A Urbanização Desordenada

O meio urbano facilita a delinqüência. Ele oferece mais tentações. Nele é mais fácil o indivíduo escapar ao controle social. Acima de 200.000 habitantes a criminalidade se acelera em proporções consideráveis. Existem correlações significativas entre a violência e os tipos de organizações urbanas.

1) Uma População Comprimida

Existe uma estreita ligação entre certas formas de habitação ou de urbanização (grandes conjuntos, grandes edifícios) e a presença de atos de violência contra as pessoas. A compressão multiplica o sentimento de insegurança.

2) Uma População Segregada

A segregação caracteriza a maioria das cidades. Nas cidades mal planejadas e inchadas, classes sociais e faixas etárias se ignoram. Não existe mais a mistura e o intercâmbio. Os outros não são mais conhecidos. Não são mais respeitados.

3) Uma População Anônima

As pessoas perderam a vida livre da rua, da praça, do movimento e do intercâmbio. Os moradores dos novos bairros se despersonalizam na monotonia do concreto. As instalações coletivas parecem impessoais, às vezes distantes, sem substituir nem suscitar mais o verdadeiro diálogo.

6. A VIOLENCIA EM SUBSTITUIÇÃO AO DIALOGO

O protesto pela violência é também provocação para forçar o silêncio e levar a uma resposta. Ela é como que um grito. O grito dos mudos. Uma ética de confrontação: — Há uma imensa necessidade de diálogo na sociedade e um certo abandono dos meios tradicionais dessa comunicação. Os mecanismos de diálogo das instituições públicas estão como que emperrados. Constata-se um empobrecimento do diálogo em todos os níveis. O Estado controla todas as engrenagens. A função do diálogo vazio de proveitos e privado de credibilidade não pode ser exercida para o debate diário sobre os pequenos conflitos da vida. Estes acabam não se realizando. Acumulam-se até que se atinja o ponto crítico. Então vem a explosão. O poder dos cidadãos que se sentem impotentes é transferido para organizações poderosas, estruturadas para a luta, capazes de fazer face ao Estado. Assim se criou uma ética de confrontação. Na Empresa o conflito nasce de uma situação de bloqueio latente, seja devido a fato isolado ou devido a um conjunto de medidas consideradas inaceitáveis. Se a violência é real nas suas manifestações, eles continuam simbólicos nas suas motivações. Lutar contra a violência é restaurar a possibilidade do diálogo.

O grito dos perdidos

O direito de ser claro, aceito e compreensível para aqueles que o terão de respeitar ou que estarão sobre sua proteção. Atualmente as regras do jogo social são algumas vezes incompreensíveis. Introduce-se pouco a pouco na opinião a sensação de que, para ser compreendido, é necessário recorrer à força.

VI — O PAPEL DO ESTADO

O Estado existe para gerir as atividades e os recursos de que dispõe a Nação com o objetivo de criar condições de proporcionar à comunidade Nacional o máximo de bem-estar.

Sua estrutura lhe permite atuar sobre tudo o que se desenvolva no País ou que diretamente lhe interesse, estando aí incluída a Segurança Pública, que será resultante das medidas preventivas e repressivas desenvolvidas para garantir o cumprimento da Lei, o livre exercício dos Poderes Constituídos e o respeito ao direito dos cidadãos.

Na generalidade de sua função, tem o Estado capacidade de atuar sobre as causas e sobre os efeitos da violência, como forma de assegurar a conquista e a manutenção dos objetivos comuns, através de uma convivência harmônica no seio da sociedade.

A atuação sobre as causas da violência, caracterizando uma atitude eminentemente preventiva do Estado, tem como principal forma de ação a busca incessante do Desenvolvimento, tomado sob o ponto de vista mais amplo de sua compreensão.

O Desenvolvimento, assim considerado, manifestar-se-ia numa elevação geral da qualidade de vida, abrangendo aspectos psicológicos, sanitários, econômicos, políticos e sociais de forma e proporcionar a todos condições, no mínimo satisfatórias de vida.

Tal resultado não será, como muitos querem fazer crer, conseqüente de medidas socializantes, primeiro porque estas, na prática, não conseguem igualar a todos, e segundo porque cada um tem um papel próprio no âmbito da sociedade, não sendo justo distribuir tudo igualmente.

Entretanto, o ideal é que aqueles que menos recebem o façam de forma a viver humanamente. Criar as condições para que tal aconteça é o papel fundamental do Estado.

A incapacidade estatal de conseguir a realização deste objetivo gera tensões internas na sociedade que acabam por comprometer todo ordenamento social trazendo o medo, gerador de novas tensões que vão então agravar o clima de insegurança, imbuindo na população a sensação de caos.

É bastante difícil para o Estado combater a violência e seus efeitos, resultantes da incapacidade de promover o bem comum se, intrinsecamente, ela é a manifestação individual ou coletiva das tensões geradas por condições desfavoráveis de vida, salvo casos de incapacidade total de adaptação à vida social. A violência, neste caso, se configura como um clamor contra as condições em que se vive.

Combatê-la apenas é como calar o grito do doente quando não se tem meios de curá-lo.

É neste campo, o da repressão, que se encontra a maior dificuldade para o Estado Moderno.

É esta uma área crítica, a de atuação dos organismos policiais, cuja ação é meramente paliativa, evitando a manifestação dos efeitos da crise social, materializada nas diversas formas de violência, ou reprimindo-as quando eclodem, tratamento que quase sempre deixa seqüelas que vêm alimentar o mecanismo da crise.

Também o Poder Judiciário apresenta deficiências e tem se tornado desacreditado, principalmente quanto à Justiça Criminal.

Todos nós sabemos, e os próprios membros do judiciário reconhecem, as deficiências graves e abrangentes que afligem aquele Poder, fazendo com que o mesmo, entre outros aspectos, torne-se um dos causadores da impunidade, que tanto estimula a violência e a criminalidade.

A agitação do Poder Judiciário é uma necessidade sentida em todos os níveis sociais. O povo brasileiro não acredita na sua justiça, não pela sua incompetência, mas pela sua demora nos julgamentos dos processos que lhe são submetidos.

A repressão à violência somente se completará quando a sanção penal correspondente ao fato delituoso for aplicada com a rapidez necessária, retirando do meio social aqueles que transgridem suas normas e mostrando àqueles que têm propensões à prática de delitos o risco que correm pela rapidez e eficiência da justiça.

VII — CONCLUSÃO

Como vimos, a violência existe. Ela está em toda parte e nas mais variadas formas. Inclusive uma, que não fora enumerada, e que quase não apresenta registros, mas que se sabe vir grossando no seio das famílias, em todos os países, mesmo os mais civilizados, como ALEMANHA, FRANÇA e ESTADOS UNIDOS, que é a violência sexual dos parentes próximos.

Pais, irmãos, tios, avós, e outros parentes afins, quase sempre com ascendência sobre o outro, vem praticando bárbaras e hediondas violências sexuais com entes da própria família, em todas as classes sociais, sem que haja qualquer providência policial contra eles, para se evitar escândalos. Esse tipo de violência quase não apresenta registros e só vem ao conhecimento da autoridade por acaso, ou muito tempo depois, em decorrência de outros crimes ou fatos que envolvam autores ou vítimas, segundo revelações recentes divulgadas por um grande jornal desta Capital.

A finalidade desse nosso trabalho, como dissemos, no início, não é de questionar as causas da violência nem tampouco as soluções que se deva tomar para acabar com ela. Esses propósitos devem ser atribuídos a cada segmento social, ou entidade pública e particular, em sua esfera de atuação, para corroborar com o todo social no sentido de diminuir ao máximo ou, pelo menos, manter em níveis toleráveis os casos de violência.

Gostaríamos, para encerrar, de apontar, na área da Polícia Militar, algumas medidas que vêm sendo adotadas ao longo do tempo para aumentar a sua operacionalidade e refletindo favoravelmente no combate à violência, ao ponto de "O Jornal do Brasil" publicar matéria, em meados do ano passado, em que seu autor, em visita a Belo Horizonte, depois de muitos anos sem vir aqui, relatar que finalmente pôde sair à noite, à pé, com sua família, a passear pelo centro de nossa Capital, tranqüilamente, devido a sensação de segurança que sentia, proporcionada pela presença maciça de policiais-militares fardados nas ruas. Disse que viu aqui policiais-militares a pé, nas esquinas, duplas de cavalarianos a patrulhar e radiopatrulhas percorrendo vários dos itinerários, por onde passou, o que não ocorria em sua terra, o Rio de Janeiro.

Para se chegar a esse ponto foram necessários vários atos, alguns até mesmo de coragem, de nossos Comandantes, no sentido de mudar atitudes, alterar comportamentos, transformar tendências e orientações existentes e já arraigadas.

Sem o intuito de esgotá-las, nem tampouco de citá-las na ordem cronológica de suas ocorrências, vamos enumerar aquelas que julgamos mais importantes para atingir a atual evolução da Corporação no sentido da execução do Policiamento Ostensivo e da Manutenção da Ordem Pública:

1. Racionalização de tarefas administrativas com liberação de policiais-militares para a atividade-fim — as operações policiais-militares — com ênfase para o policiamento ostensivo, e desativação de órgãos administrativos e atividades burocráticas;

2. Criação do Quadro de Pessoal Civil, substituindo o policial-militar de atividades burocráticas;

3. Extinção de Bandas de Música;

4. Emprego da Academia de Polícia Militar no policiamento ostensivo (Mineirão e Mineirinho).

5. Operacionalização das reservas, com emprego dos efetivos dos órgãos de Direção e Apoio no policiamento;

6. Emprego do BPChq em missões secundárias (criação das ROTAM — Rondas Táticas Metropolitanas) para combate à criminalidade violenta;

7. Policiamento nas cidades históricas;

8. Interiorização de frações de Bombeiros;

9. Nova articulação, com ampliação do dispositivo operacional na Capital e no Interior, com a criação de 03 (três) novos BPM e aumento do efetivo nas principais cidades do Estado, em 1982;

10. Nota de Instrução nr 001/84, publicada em BGPM nr 027, de 07 Fev 84, sobre "O Uso da Força no Exercício do Poder de Polícia".

11. Melhor planejamento das operações e execução rápida destas com a ajuda do Processamento Eletrônico de Dados, na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

Todas essas medidas foram da maior importância, isoladamente, ou em conjunto, para que a Corporação desse respostas aos reclamos sociais, seja redimensionando seus recursos, seja criando uma consciência de profissionalização, em seus integrantes, seja agilizando e evoluindo suas técnicas, tudo no sentido da maior operacionalidade.

E essa operacionalidade maior, com a presença constante nas ruas, desestimulando as oportunidades e coibindo a fuga dos praticantes de ilícitos, tem influenciado grandemente na diminuição da violência, ou na sua contenção a índices toleráveis.

Sabemos que não será possível extirpá-la do meio social e que a Polícia Militar a combate mais em seus efeitos do que em suas causas, portanto, de forma indireta.

Mas não será por esse motivo que deixará de executar a sua missão. E o que julgamos da maior importância: deverá continuar fazendo-o bem e acreditando que, assim agindo, estará não só ajudando a sociedade com sua parcela de esforço para diminuir o problema da violência, mas também influenciando os outros setores responsáveis pelo seu combate, através do exemplo e da honestidade de propósitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 — ADESG. Urbanização e Violência. Belo Horizonte, 1981.
- 2 — ADESG. Violência e Criminalidade. Belo Horizonte, 1981.
- 3 — GOVERNO FRANCÊS. Estudo elaborado por uma comissão de alto nível, 1977.
- 4 — MARTINS, Saul Alves. Aula proferida para o Curso Superior de Polícia, da Academia de Polícia Militar. Belo Horizonte, 1983.
- 5 — MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. Relatório de Cientistas Sociais, 1980: Medidas de combate à violência.
- 6 — MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. Relatório de Juristas, 1980: Medidas de combate a violência.
- 7 — MOREIRA, Dênio. Conferência sobre Violência Urbana, 1980.
- 8 — ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração dos Direitos do Homem.
- 9 — PAIXÃO, Antônio Luiz.; LIMA, Patrícia Souza. Violência Urbana e Criminalidade em Minas Gerais. Fundação João Pinheiro, 1980.
- 10 — POLÍCIA MILITAR DE MINAS GERAIS. Boletim Geral da Polícia Militar n.º 27, Nota de Instrução n.º 1. Belo Horizonte, 7 FEV 1984.